

O RETRATO DE DORIAN GRAY: UM PACTO ENTRE ARTE E VIDA

Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo¹, Maria Aparecida Junqueira²

1. Estudante do curso de Letras: Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP).

2. Professora da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (FAFICLA), da PUC – SP. Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC – SP. Departamento de Arte/Orientadora.

Resumo

Este trabalho estuda O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, escritor irlandês. O romance apresenta o protagonista Dorian Gray, cujo culto à aparência dá ensejo à troca existencial com um retrato. A temporalidade humana se inscreve na pintura, tornando-a viva e consciente. Entre os objetivos da pesquisa, ressaltam-se: refletir sobre as relações entre arte, vida e tempo no romance; analisar o contexto histórico da obra e compreendê-la sob a acepção do fantástico e de mazelas que se estenderiam à contemporaneidade. Na análise coteja-se a Era Vitoriana com a construção do romance, em que o autor usa da ironia para confrontar o moralismo vigente; as relações entre arte, vida e tempo que mostram a extração da personagem da esfera do humano, lançando-o ao mundo dos deuses e mitos, assim como à esfera do fantástico. A decadência e o esfacelamento da subjetividade presentes no romance permitem especulações sobre a natureza do homem contemporâneo.

Palavras-chave: Oscar Wilde; tempo; personagem.

Trabalho selecionado para JNIC: Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (FAFICLA) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP).

Introdução

O legado de Oscar Wilde se estende de peças teatrais de grande sucesso a contos infantis. Apesar de sua intensa criação artística, que denota um autor de gênio, ele escreveu um só romance, *O retrato de Dorian Gray*. Este romance é obra densa que transporta o leitor a reflexões sobre vida e morte, aparência e essência, realidade e fantasia. Trata-se de uma obra marcante e profunda, que foi adaptada para o cinema em diversas versões, caindo no gosto do público, apesar da rejeição que recebeu da crítica na época de sua publicação. *O Retrato de Dorian Gray* tira o leitor da comodidade cotidiana e do lugar-comum, transportando-o a reflexões existenciais e dilemas com os quais o autor, Oscar Wilde, deparou-se ao longo de sua vida breve e intensa.

A obra apresenta a saga de Dorian Gray, cujo culto à aparência promove a troca existencial com um retrato que toma para si as marcas das vivências da personagem, a qual deixa de envelhecer. A vivência cotidiana de Dorian Gray é rompida por esse acontecimento fantástico, com características sobrenaturais e sombrias, em que a personagem se defronta com um duplo que espelha sua alma.

Tem-se como hipótese que o retrato da obra de arte tornou-se um ser vivo e temporal no romance, sujeito às vicissitudes da existência humana, em contraponto a Dorian Gray que estanca

na torrente do tempo, este (o tempo) caracterizado como matéria-prima na organização da narrativa, seja para o rosto de Dorian, seja para a imagem da tela. Outra hipótese defendida é a de que Wilde, na tessitura da obra, vale-se da ironia e da beleza para ridicularizar a sociedade vitoriana.

O trabalho apresenta alguns objetivos, dentre os quais se ressaltam: analisar na obra *O retrato de Dorian Gray* as relações entre arte e vida, apreendendo a troca de realidades entre Dorian e o retrato a partir da passagem do tempo para ambos; analisar o contexto histórico em que a obra foi escrita, depreendendo-se relações entre a Era Vitoriana, a vida e o romance de Wilde; compreender o romance sob a acepção do fantástico a partir de conceitos como fantasma, duplo, realidade e fantasia, e, por último, analisá-lo sob a perspectiva da psicologia analítica e da linguagem, apreendendo as misérias humanas que se estendem ao homem contemporâneo.

Metodologia

A metodologia dialógica e metalinguística trata das relações da personagem do romance *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, com a obra de arte, da troca existencial entre a personagem e seu retrato, da noção de realidade à luz do insólito. O trabalho prevê etapas de desenvolvimento como: 1) apreensão teórico-crítica de aspectos que envolvem conceitos como: arte, tempo, realidade; 2) recorte da fortuna crítica sobre a obra em estudo; 3) contextualização histórica do autor e da obra; 4) análise do romance sob a ótica dos estudos realizados.

O trabalho baseia-se em estudos de Arthur C. Danto, que trata do conceito de arte; em reflexões agostinianas sobre o tempo; no conceito de sombra de Carl Gustav Jung; nos livros *A insustentável leveza do ser* e *A arte do romance*, de Milan Kundera; no romance *Entrevista com o vampiro*, de Anne Rice, e no livro *Nudez*, de Giorgio Agamben. As seguintes dissertações de mestrado também deram substrato teórico ao trabalho: *O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde: um romance indicial, agostiniano e prefigural*, de Patricia Tenório; *A estética decadentista em A confissão de Lúcio de Mário de Sá-Carneiro*, de Maria Carolina Biscaia; *Epigramas e vozes: as autoconsciências em O retrato de Dorian Gray*, de Glauco Fratric, e *Edgar Allan Poe e Mário de Sá-Carneiro: os fantasmas e a criação literária do fantástico*, de Oscar Nestarez. Textos de Irène Bessière, Todorov e Antonio Candido fundamentam as formulações sobre o fantástico.

A contextualização histórica da obra sustenta-se principalmente no artigo de Santana e Senko, intitulado *Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX*.

Resultados e discussão

A leitura do romance de Wilde trouxe à baila questões fundamentais sobre a passagem do tempo. Refletimos sobre a troca existencial realizada por Dorian Gray com seu retrato, em que este se tornou o depositário das marcas da temporalidade e das feridas da alma da personagem. A artificialidade desta permuta trouxe profundas consequências para o jovem, que se desumanizou a partir do pacto selado com a pintura.

A tessitura das relações entre arte e vida foi esmiuçada, debatida. Dorian foi lançado ao mundo dos mitos ao se tornar uma obra de arte: é inevitável sua comparação com Narciso, cuja flor de mesmo nome é inexoravelmente solitária. Outra figura mitológica comparada à personagem foi a do vampiro, com sua eternidade que congela a passagem do tempo. Dorian Gray se desumaniza a partir do pacto selado com o retrato; este se torna depositário de suas misérias e há uma perversão existencial com consequências para a vida e a arte.

As mazelas sociais da Era Vitoriana podem ser identificadas em *O retrato de Dorian Gray*, à medida que a personagem nega o envelhecimento e a morte, nutre relações superficiais, cultua a aparência e contraria os princípios morais vigentes ao imergir no hedonismo. Ao compreendermos os determinantes sociais da tessitura do romance, não o reduzimos a um produto típico de seu tempo: afirmamos sempre sua transcendência, sua capacidade de atravessar gerações, sua mensagem universal sobre a natureza humana.

Depreendemos da obra seu caráter fantástico, a partir de leituras que subsidiaram esta concepção. Trata-se de algo relativamente novo abordar Oscar Wilde como autor do fantástico, mas percebemos traços de seu romance que coadunam com este gênero literário, como a presença da morte, a atmosfera onírica, as vivências limítrofes e a presença dos fantasmas da imaginação, do pacto diabólico e do duplo entre Dorian e o retrato. Da matéria do retrato, é criado um fantasma que espreguiça e amedronta o jovem.

Por fim, ao percebermos o caráter sombrio da *psique* encerrado no retrato degradado, elaboramos reflexões sobre essa dimensão da mente humana frequentemente relegada ao esquecimento, à reprovação e ao escamoteamento. Ser humano é também ser sombra: se não a reconhecemos como constituinte de nosso psiquismo, ela se manifesta através de subterfúgios não muito agradáveis (na forma de um retrato em decomposição, por exemplo). Negar a sombra é alienar-se, é viver sobre o imperativo do *kitsch* ao qual Kundera (1985) se refere.

Conclusões

A passagem do tempo é uma questão que sempre pairou sobre o imaginário humano, desde tempos imemoriais. A existência traz à tona questões como: passado e futuro estão realmente apartados ou se imbricam? O tempo presente é o único digno de atenção? O significado do envelhecimento, corolário da passagem do tempo, também é frequentemente questionado pela humanidade.

Mazelas contemporâneas podem ser identificadas no romance de Wilde a partir do conceito de sombra de Carl Jung (2008), e de *kitsch* de Milan Kundera (1985), em que ambos são negações dos aspectos menos nobres da existência. O homem contemporâneo, assim como Dorian, é afeito à alienação trazida pelo culto à imagem.

O *kitsch* assemelha-se à prisão criada na contemporaneidade pela negação da sombra através de tecnologias que confinam o homem a um corpo artificialmente jovem, plastificado, caricato como o fantasma da juventude que um dia se foi. Embora se preconize a saúde do corpo, de fato, em meio às intervenções a que é sujeito, o homem é mutilado, esquadrinhado, com o corpo tornado carne simplesmente, despojado de sua liberdade. Para Agamben (2014, p. 112), “Na graça o corpo é um instrumento que manifesta a liberdade.” Um corpo tornado inanimado e condenado à juventude eterna é desgraçado, privado da “graça” viva. Esfacelado, o corpo se torna carne e não substância dotada de *ânima*.

Mutilado e privado do crescimento como Dorian Gray, o homem contemporâneo perde sua liberdade e, deveras, a alma. Cultuar a aparência física é uma forma de negar a passagem do tempo, de fixar-se no presente, boicotando o futuro como Dorian Gray, cujas marcas da idade se inscrevem no retrato e não no corpo. No bojo dessa fuga do sofrimento e da veneração ao corpo, Dorian Gray vê a boa aparência como instrumento que o torna imune a todas as mazelas da existência, como se lhe bastasse ser belo para adquirir todas as benesses a que um homem pode ter acesso e não sofrer.

Também recorre aos soporíferos, ao ópio, anestésicos do sofrimento, da angústia existencial. Ancorado na persona da boa aparência, da riqueza e do luxo, ele se nutre de máscaras que são estilhaçadas em sua confrontação com o retrato, vivendo várias vidas em paralelo. O homem contemporâneo também se vale do recurso da persona, cada vez mais fragmentada, diluída

nas redes sociais, para buscar sua identidade: “No ponto em que fixa o indivíduo a uma identidade puramente biológica e associal, promete-lhe deixar assumir na internet todas as máscaras e todas as segundas e terceiras vidas possíveis, nenhuma das quais poderá jamais lhe pertencer particularmente” (AGAMBEN, 2014, p. 85). Perguntas que concernem à contemporaneidade – existe vida além das redes sociais? Existe vida íntima, privada? A esse homem erigido pelo que parece ser, é permitido envelhecer? –, são dilemas da contemporaneidade, cujos matizes já se encontravam no romance de Wilde e que futuros estudos poderão contemplar.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, G. *Nudez*. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- AGOSTINHO, S. Livro XI. In: _____. *Confissões*. Tradução de Arnaldo Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Castro Maia de Souza Pimentel. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.
- BESSIÈRE, I. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. *Revista FronteiraZ*. São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.
- BISCAIA, M. C. V. *A estética decadentista em A confissão de Lúcio de Mário de Sá-Carneiro*. 2006. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo. São Paulo, USP. 2006.
- CANDIDO, A.; ROSENFELD, A.; PRADO, D. A.; GOMES, P. E. S. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. p. 51-88.
- DANTO, A. C. Metáfora, expressão e estilo. In: _____. *A transfiguração do lugar-comum*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 243-297
- FRATRIC, G. C. C. B. *Epigramas e vozes: as autoconsciências em O retrato de Dorian Gray*. 2016. 138 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2016.
- JUNG, C. *Psicologia do inconsciente*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KUNDERA, M. *A insustentável leveza do ser*. Tradução de Teresa B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- KUNDERA, M. *A arte do romance*. Tradução de Teresa B. Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- NESTAREZ, O. A. L. *Edgar Allan Poe e Mário de Sá Carneiro: os fantasmas e a criação literária do fantástico*. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, PUC, 2016.
- RICE, A. *Entrevista com o vampiro*. Tradução de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- SANTANA, L. W. A.; SENKO, E. C. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. *Revista Diálogos Mediterrânicos*. Paraná, n. 10, 2016.
- TENÓRIO, P. *O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde: um romance indicial, agostiniano e prefigural*. 2015. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 2015.
- TODOROV, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- WILDE, O. *O Retrato de Dorian Gray*. Tradução de Paulo Schiller. São Paulo: Penguin Classics. Companhia das Letras, 2012.